

Oficinas Psicopedagógicas e Subjetividade: movimentos de vida situados no ser e no saber.

Prof. João Beauclair - joabeauclair@yahoo.com.br

Resumo:

Este escrito se justifica meu interesse de estar sempre buscando referenciais teóricos para minha prática educativa. Motivado pelas leituras que tenho feito e pelos desafios de estar sempre em movimento de pensamento na montagem de módulos para cursos de pós-graduação em Psicopedagogia, aqui procuro estabelecer alguns pontos de reflexão sobre a importância dos processos de formação profissional, principalmente quando o desejo é compreender a constituição da subjetividade humana a partir da autoria de pensamento. Trata-se de uma sistematização de idéias que reside na procura de organizar pensamentos sobre o tema, construindo sentidos para compreender os significados da minha vivência, como sujeito pesquisador, ensinante e aprendente no instigante campo da Psicopedagogia.

I - A intencionalidade da consciência e da intuição: espaços de autoria de pensamento na formação da subjetividade do psicopedagogo.

“Nada do que foi será
De novo do jeito que já foi um dia
Tudo passa
Tudo sempre passará
A vida vem em ondas
Como um “mar”
Como uma onda.
Lulu Santos e Nelson Motta.

Escrever para poder estudar é um método de investigação. Temas relacionados ao pensar sobre a ação educativa e suas complexidades sempre estiveram presentes em minha trajetória humana. Não consigo desvincular meu trabalho de minha vida e, cotidianamente, busco sempre estar lendo, refletindo e produzindo sobre minhas próprias experiências neste sentido. Ocupo parte de minha rotina com momentos de pensar, ler, refletir e criar textos onde teço saberes e fazeres no prazer da escrita.

Neste exercício, desenvolvo minhas potencialidades de autoria de pensamento e trabalho, com minhas ignorâncias e buscas por novos conhecimentos que fundamentem, cada vez mais, a práxis psicopedagógica que desenvolvo em meu trabalho como formador.

Minha atuação enquanto psicopedagogo ainda não se vincula a clínica, pois acredito que terei um longo percurso pela frente até estar sentindo-me efetivamente preparado para tal. No campo institucional, tenho feito alguns trabalhos relevantes, mas é na prática docente, em cursos de pós-graduação em Psicopedagogia e Educação, que vivo a beleza de ser um eterno aprendiz, como nos ensinou Gonzaguinha.

Captando sentidos, através dos significados que busco atribuir a este fazer, vivencio a Psicopedagogia como de fato ela é: um campo de saber transdisciplinar, em rico processo de construção de seu estatuto epistemológico. Por isso, interesso-me, cada vez, por estudar novos autores, ler novos livros e artigos, compartilhar saberes no meu fazer e, assim, vou admitindo para mim mesmo como é essencial a apropriação de novos conceitos, a feitura de novas práticas e ações para além da disciplinaridade pura e simples.

Sabemos que a Psicopedagogia é um campo do conhecimento humano onde diferentes disciplinas estão em interação e trânsito permanente, o que nos impele a abertura para o novo e, principalmente, à criatividade e inovação. Óbvio que com isso, na continuada formação do psicopedagogos, duas especificidades são primordiais: a necessidade da pesquisa permanente e de uma “personalidade curiosa e propositiva, (...) compreendendo-se como um aprendente que também possui próprias limitações e dificuldades superadas a partir de sua postura engajada para tal fim.”

Nas experiências vivenciadas na formação de psicopedagogos em diferentes instituições de ensino, onde tenho sido convidado a ministrar cursos, venho gradativamente construindo uma metodologia ativa de mediação pedagógica que denomino de oficinas psicopedagógicas, onde o maior desafio é o de aliar teoria e prática com o lúdico, o prazeroso, elencando referenciais teóricos da própria Psicopedagogia e de outros campos do saber que lhe dá suporte e elaborando uma prática docente geradora de desejos possibilitadores de sistematização das experiências vividas, para fazer surgir novos modelos de atuação para o desenvolvimento dos processos de autoria de pensamento.

Para além de uma didática baseada somente nas famosas aulas expositivas, procuro nestes encontros unificar os elementos da tríade informação, conhecimento e saber, preocupando com conteúdos formais e com conteúdos vivenciais mais amplos, veiculando informações e construindo coletivamente mecanismos capazes de transformá-las em conhecimentos e saberes.

Assim, informar é o primeiro passo a ser dado, pois com a informação inicial é possível trazer a tona movimentos de desejo e interesse em aprender. Para GONÇALVES, informação é “um dado da realidade externa, que pode ser captado por ele mesmo ou lhe trazido por outrem.” Por isso, dedico-me sempre aos processos de escolha de textos, dinâmicas e materiais onde esta informação ganhe sentido e seja contextualizada a partir dos anseios e do perfil do grupo onde o trabalho será desenvolvido. A riqueza deste fazer reside no poderoso ato de comunicar com afeto e na busca de aceitação do outro, (com todos os diferentes modos de aprender presentes em cada um de nós), criando mecanismos práticos onde o grupo interaja entre si e vínculos positivos sejam criados na operatividade resultante desta interação, pois, de acordo com SOARES (2003) os vínculos são o passaporte para a aprendizagem.

Sabemos que todo o conhecer emerge a partir da interação das nossas potencialidades subjetivas com os nossos movimentos de cognição. Para conhecer é preciso estar sempre indo além da informação propriamente dita. Mais uma vez recorro a GONÇALVES para elucidar o que pode ser compreendido como conhecimento. Para esta autora, conhecimento é “o produto elaborado a partir da informação, pelas estruturas cognitivas e subjetivas. Necessita, como tal, da ação do sujeito para ocorrer e se nutre da interação e da mediação.”

Minha aposta metodológica com as oficinas psicopedagógicas residem neste importante fator: fazer emergir a construção do conhecimento na ação deste sujeito aprendente, diante da interação que busco motivar numa mediação baseada na operatividade do grupo. A proposta então, é fazer com que cada sujeito valorize o seu percurso e valide positivamente a sua experiência e a do seu grupo, percebendo que cada um de nós é portador de uma unicidade vivencial diferenciada e que, por isso mesmo, deve ser considerado como elemento de crescimento para si mesmo e para o próprio grupo.

São as diferenças que fazem com que o movimento das experiências vividas seja incorporado como conhecimento efetivo. A construção da subjetividade humana é processo contínuo, sem interrupção, permanente. Nossa aprendizagem acontece de fato quando, diante do novo e do desconhecido, nos posicionamos de forma aberta e receptiva. Mas para tal, é preciso estarmos animados, motivados, desejosos de assimilarmos novas informações, de transformá-las em conhecimento, nos apropriando de seus conteúdos e com isso, elaborarmos construções de novos saberes.

Em Psicopedagogia, continuo acreditando na importância da formação pessoal do psicopedagogo, possibilidade concreta para que se assumam competências e habilidades necessárias ao seu fazer. Nossa formação profissional em Psicopedagogia exige, cada vez mais, este movimento pessoal, a medida que o ato humano de aprender se situa em todas as esferas da vida social, para além do espacotempo da escola e da educação formal e está, cada vez mais, repleto de desafios.

Com o advento das novas tecnologias de informação, vivemos tais desafios em todos os campos da vida humana e como docente em cursos de pós-graduação em Psicopedagogia, sinto-me desafiado a criatividade e a inovação, buscando convergir saberes e

fazeres de modo transdisciplinar, enfocando conteúdos de modo mais abrangente e fazendo uso de uma didática centrada nos processos e na subjetividade presente em cada ser.

Compreendo que o uso de uma metodologia mais ativa possibilita interações criativas, onde surgem espaços e tempos vivenciais onde nos constituímos, todos, como aprendentes de fato.

Assim, me situo num lugar de fazimentos, como nos ensinou Paulo Freire, onde dedico esforços para a capacidade de criar vínculos positivos e onde autonomia e autoria de pensamento sejam meta e objetivo a serem alcançados. Para tal, exercito minha flexibilidade ao vivenciar complexas - e muitas vezes inesperadas- situações.

O trabalho do formador-facilitador, em cursos de pós-graduação em Psicopedagogia, com a proposta das oficinas psicopedagógicas, exige o domínio de técnicas vivenciais vitalizadoras, para que as diferentes modalidades de aprendizagem sejam respeitadas e conhecidas e as múltiplas inteligências ganhem corporeidade e significação. Acreditamos que, na constituição de situações de aprendizagens, “necessitamos de um ensinante e de um aprendente que estabeleçam uma relação em função de outra relação de ambos com um terceiro: o conhecimento” .

A intencionalidade da consciência e da intuição vivenciadas em todo este movimento, possibilita espaços de autoria de pensamento que se intercambiam na formação da subjetividade do psicopedagogo, gerando novas possibilidades de conexão entre informações, conhecimentos e saberes, enriquecendo seu acervo de experiências e vivências significativas no ato de aprender.

II- Renovando a prática pedagógica nos cursos de Psicopedagogia a partir da autoria de pensamento.

“É preciso que a imaginação tome muito para ter o bastante.
É preciso que a vontade imagine muito, para realizar o bastante.”
Gaston de Bachelard.
O ar e os sonhos.

Aprendemos e ensinamos mutuamente - mediador, facilitador, ensinante e aprendente - , quando estruturamos pedagogicamente nossas aulas como um lugar de interlocução, um espaço de intervenção, onde potencialidades são despertadas e o não-saber é evidenciado. A Psicopedagogia, enquanto campo transdisciplinar do conhecimento, nos propicia elementos constitutivos para o desenvolvimento de nossa autoria de pensamento, nos fazendo crer que é possível nos apropriarmos de informações, e conhecimentos para transformá-los em saber.

Nas experiências com as oficinas psicopedagógicas construímos situações diferenciadas de aprendizagem, onde há espaço para o não-saber. A partir da autoria de pensamento, vamos renovando a prática pedagógica nos cursos de psicopedagogia, como forma de efetiva intervenção e construção de espaços vivenciais na formação do psicopedagogo. Nas minhas diferentes vivências desenvolvidas no decorrer de alguns anos atuando como mediador em tais grupos, me objetivo a criar condições concretas para que ocorra um reencontro do sujeito consigo mesmo enquanto aprendente, de modo que se possa criar novos significados para o já vivido, revendo suas experiências e trabalhando com suas frustrações, desejos e sonhos, consciente da sua própria realidade enquanto sujeito cognoscente e aprendente.

Todo o processo se vincula, inicialmente, com a vivência de dinâmicas de grupos, onde o sujeito é motivado a pensar em sua subjetividade ao relacionar-se com outros sujeitos, presentes na mesma busca, por motivos diversos, mas no mesmo espaço e tempo vivencial. Após momentos de exposição de conteúdos e informações, ao se constituírem como grupo, são levados a formarem sub-grupos e a trabalharem juntos, sob minha orientação, com temas e questões psicopedagógicas e educacionais, desafiados a construir modos inovadores e criativos para apresentarem suas conclusões e/ou inconclusões, ou seja, o percurso do vivido. Posteriormente, temos os momentos de compartilhar tudo isso de modo coletivo, em um

círculo onde todo o processo de construção de saberes é evidenciado com a exposição das tensões, dos dilemas, dos desafios e das dúvidas surgidas. É um momento de celebração, pois aquilo que foi gestado nos sub-grupos é “parido” diante do grupo maior e, quase sempre, são momentos de poesia, de beleza, de música, de vivências que nos leva a refletir, a aprender, a ressignificar nossas ações e motivar nossa caminhada adiante.

Durante todo este processo, todos os elementos do grupo são motivados a registrar idéias, tomando notas sobre o que estão vivenciando, para posteriormente estarem produzindo textos e pequenos artigos, elaborando sínteses e construindo os Diários de Bordo como registro de Aprendizagens, uma técnica que venho desenvolvendo faz algum tempo, para motivar processos de autoria de pensamento em Psicopedagogia.

A escrita, de suma importância para a constituição de nossas subjetividades, estabelece sentidos e cria significados porque faz com que o vivido extrapole a experiência presente – que com o tempo pode ser esquecida. A escrita é registro, onde nossa expressão ganha singularidade própria ao nosso pensar e fazer.

Para a Psicopedagogia todos nós, aprendentes e ensinantes, devemos nos tornar sujeitos do saber, devemos ter entusiasmo pelo conhecimento. Na formação profissional do psicopedagogo, acredito ser fundamental trabalharmos com a questão da autoria de pensamento. Sendo autores, podemos conhecer nossas próprias histórias, passo essencial para a construção consciente e permanente de nossas subjetividades. De acordo com REMEN (1998), muitos “não conhecem sua própria história. A história sobre quem somos, não sobre o que fizemos. Sobe o que enfrentamos para construir o que construímos, sobre aquilo a que recorreremos e que riscos corremos, o que sentimos, pensamos, recebemos e descobrimos durante os acontecimentos de nossa vida. A verdadeira história que pertence somente a nós”.

Com a proposta formativa das oficinas psicopedagógicas, busco aprimorar minha própria autoria de pensamento para compartilhar a minha história como formador. Quando meio disciplinas utilizando esta metodologia, mostro ao grupo que, ao nos autorizarmos a escrever, a sermos autores, podemos trabalhar como nossas subjetividades, com nossos valores, com nossa unicidade, com respeito ao tempo de cada um, pois o “sujeito se constitui para si mesmo em seu próprio transcorrer temporal”.

A partir do exercício da autoria de pensamento busco renovar cotidianamente minha prática pedagógica nos cursos de Psicopedagogia, compreendendo que objetividade e subjetividade compõem nossa história e nos permite avançar, ir adiante em nossas cotidianas formas de estarmos atuando em Educação e Saúde. As repercussões deste trabalho ganham validade e são observadas quando tenho a oportunidade do reencontro e quando leio as avaliações feitas após o vivido em cada nova experiência. E o prazer fica ainda maior quando leio as produções textuais construídas, presentes nos artigos, nos ricos Diários de Bordo, nos relatórios das atividades desenvolvidas, que são entregues ao final das horas vividas em comum, ou com um prazo combinado para estas devolutivas. A escrita, quando construída nos espaços e tempos motivadores presentes em nossas ações significativas a partir do estarmos juntos com os outros, cria possibilidades infinitas de reflexão, de aprendizagens, de significação efetiva aos nossos movimentos de vida situados no ser e no saber, na busca do conhecer mais e ir além.

III – Buscando novas interlocuções no desejo de concluir.

“ (...) só é justo cantar se o
nosso canto arrasta consigo as pessoas e as coisas
que não têm voz.”
Ferreira Gullar

Acredito, a partir das minhas crenças e convicções como educador, que aprender é uma aventura dramática e desejante, que deve ser vivenciada num espaço-tempo de formação que tenha uma proposta de intercâmbio, intervenção e construção de novas autorias e que tudo isso resulte em novos fazeres e novos saberes. O processo de construção de conhecimentos

em Psicopedagogia deve considerar a aprendizagem humana em suas dimensões culturais, políticas, econômicas, históricas e sociais, sem jamais esquecer condicionantes pessoais, que estruturam o sujeito aprendente.

Essencial, no ato de aprender e ensinar Psicopedagogia é colocar-se na posição de um sujeito desejante, compreendendo a necessidade de criarmos uma rede teórica múltipla e rica que possa evitar, na nossa formação contínua, que fiquemos presos a concepções reducionistas, limitantes aos nossos processos de autonomia e autoria de pensamento.

O que aqui me propus compartilhar foi à crença que, para nos fazermos aprendentes nas investigações do campo transdisciplinar da Psicopedagogia, é essencial descobriremos nossas potencialidades, é criarmos novas possibilidades para tornar próprio, de fato, aquilo que já é nosso, que reside em nossa subjetividade e quem nem sempre temos a necessária coragem para mostrar, experimentar, vivenciar, compartilhar.

Andrade (2003), em fascinante trabalho sobre conhecimento e construção de subjetividades nos ensina que, para tal, é necessário que cada um “se interrogue sobre suas escolhas, suas práticas, suas angústias e seus desejo: pensar nas suas limitações possibilita contatar suas possibilidades.” Aqui busquei compartilhar uma escolha, uma prática, e o meu desejo é, como sempre, o da interlocução, o do diálogo. Coloco-me mais vez, caro leitor, a sua disposição para este rico intercâmbio e assim vamos adiante, sabendo com o poeta que o caminho se faz ao caminhar.

Referências:

Este texto é dedicado carinhosamente as aprendentes/ensinantes do curso de pós-graduação em Psicopedagogia da FASF - Faculdade do Alto do São Francisco, em Luz, Minas Gerais, onde tive o privilégio de atuar com respeito, amizade, carinho e parceria no mês de janeiro de 2006, com a disciplina Fundamentos Sócio-culturais da Educação.

Mestre em Educação, Conferencista e palestrante sobre temas educacionais e psicopedagógicos em diversos eventos, congressos e fóruns nacionais e internacionais; professor nos cursos de Pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional da Fundação Aprender, Varginha, MG; Psicopedagogo pela UCAM - Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro; Mediador do PEI (Programa de Enriquecimento Instrumental – Nível I e II), com certificado do ICELP (International Center of Enhancement to Learning Potential) de Israel. Mestre em Educação e Pós-graduado em Planejamento Educacional pela Universidade Salgado de Oliveira – Rio de Janeiro; graduado em História pela Faculdade de Filosofia Santa Dorotéia, Nova Friburgo, Rio de Janeiro; Especialista em História do Brasil pela UFF – Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro; Associado a ABPP: Associação Brasileira de Psicopedagogia; escritor, ambientalista, poeta, ensaísta e autor de diversos artigos sobre Psicopedagogia, Educação, Meio Ambiente, Ecologia Humana, Direitos e Valores Humanos. e-mail: joabeauclair@yahoo.com.br

Psicopedagogo/a pesquisador/a: aprendendo outras lições, buscando novos caminhos. Publicado em abril de 2004 no site <http://geocities.yahoo.com.br/simaiapsicopedagoga> e no site português <http://gabpsicopedagogia.com>

Está a terceira competência que proponho para a formação do psicopedagogo na matriz de competências e habilidades presentes em: BEAUCLAIR, João. Psicopedagogia: trabalhando competências, criando habilidades. Coleção Olhar Psicopedagógico, Editora WAK, Rio de Janeiro, 2004.

Entre as disciplinas que venho trabalhando com esta metodologia possa elencar: Fundamentos sócio-culturais da Educação, Formação Pessoal em Psicopedagogia, História da Psicopedagogia, Fundamentos da Psicopedagogia, Seminários de Psicopedagogia, Fundamentos Psicopedagógicos da Educação Inclusiva, Teorias Psicopedagógicas, Metodologia Científica, Didática e Didática do Ensino Superior. Entre as instituições onde tenho desenvolvido este trabalho, cito: Fundação Aprender, Varginha, MG; Centro Universitário de Formiga, MG; Faculdade do Alto de São Francisco, Luz, MG; Instituto Segmento de Educação,

Salvador, Bahia.

Discuto esta metodologia em: BEAUCLAIR, João. Oficinas psicopedagógicas como estratégias de formação: a arte da aprendizagem ou aprendizagem em arte. Artigo ainda não publicado.

BEAUCLAIR, João. Autoria de pensamento, aprendizagens e ensinagens: novos modelos e desafios na produção de conhecimento em Psicopedagogia. Publicado no site da Associação Brasileira de Psicopedagogia <http://www.abpp.com.br>

GONÇALVES, Júlia Eugênia. Falar ou fazer? A prática docente na pós-graduação em psicopedagogia.

SOARES, Dulce Consuelo. Os vínculos como passaporte da Aprendizagem: um encontro D'Eus. Editora Caravansarai, Rio de Janeiro, 2003.

GONÇALVES, Júlia Eugênia. Falar ou fazer? A prática docente na pós-graduação em psicopedagogia.

Dediquei-me a este tema em: BEAUCLAIR, João. A coragem essencial: formação pessoal em Psicopedagogia. Publicado em 07/11/2004 no site <http://www.psicopedagogia.com.br>

FERNANDEZ, Alcía. A Inteligência Aprisionada. Abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.

BACHEALRD, Gaston de. O ar e os sonhos. Livraria Martins Fontes Editora, São Paulo, 1990, p. 262.

BEAUCLAIR, João. Ensinagens e aprendizagens no espaço-tempo da escola contemporânea. Revista ABCEducatio, ano 6, número 5º, outubro de 2005. Editora Criarp, São Paulo.

BEAUCLAIR, João. Aprendizagem significativa e construção de diários de bordo: configurando registros na práxis de formação em psicopedagogia. Revista Científica da FAI, vol.5, número 1, Santa Rita do Sapucaí, 2005, p. 13-20.

REMEM, Rachel Naomi. Histórias que curam: conversas sábias ao pé do fogão. Editora Ágora, São Paulo, 1998, p.22.

WARSCHAUER, CECÍLIA. Rosas e narrativas: caminhos para a autoria de pensamento, para a inclusão e a formação. In.: Pinto, Sílvia Amaral de Mello, (coord.) e SCOZ, Beatriz Judith Lima et al. (orgs.) Psicopedagogia: contribuições para a educação pós-moderna. Editora Vozes, Petrópolis, 2004, p.18.

BEAUCLAIR, João. Olhar, ver, tecer: a busca permanente da teoria no campo psicopedagógico. In.: Pinto, Sílvia Amaral de Mello, (coord.) e SCOZ, Beatriz Judith Lima et al. (orgs.) Psicopedagogia: contribuições para a educação pós-moderna. Editora Vozes, Petrópolis, 2004, p. 24-35.

ANDRADE, Márcia Siqueira. O sujeito como autor e a produção do conhecimento em psicopedagogia. In.: Pinto, Sílvia Amaral de Mello, (coord.) e SCOZ, Beatriz Judith Lima et al. (orgs.) Psicopedagogia: um portal para a inserção social. Editora Vozes, Petrópolis, 2003, p.39.

Prof. João Beauclair

Psicopedagogo, Arte-educador, Mestre em Educação

E-mail: joabeauclair@yahoo.com.br

Homepage: <http://www.profjoabeauclair.net>